

---

## Usos de redes sociais digitais por comunidades tradicionais quilombolas: estudo de caso da comunidade de Graciosa, em Taperoá (BA)<sup>1</sup>

Glenda Dantas CARDOZO<sup>2</sup>  
Adriano de Oliveira SAMPAIO<sup>3</sup>  
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

### Resumo

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de monográfica em andamento no curso de especialização em Comunicação Estratégica e Gestão de Marcas da Faculdade de Comunicação da UFBA, onde buscarei investigar/entender como comunidades tradicionais do baixo-sul da Bahia têm utilizado as redes sociais digitais no contexto de comunidade, de modo a identificar quais são os objetivos de usos de redes sociais digitais em perspectiva comunitária. No presente trabalho estudei os perfis no Facebook da comunidade remanescente de quilombo da Graciosa, em Taperoá, município do Baixo-sul da Bahia.

### Palavras-chave

Redes sociais, Comunidades quilombolas, comunicação comunitária.

A Terra é o meu quilombo.  
Meu espaço é meu quilombo.  
Onde eu estou, eu estou.  
Quando eu estou, eu sou.

Beatriz Nascimento (ÔRÍ, 1989, s.p.)

Abro os caminhos deste projeto com uma citação da historiadora negra sergipana Beatriz Nascimento, em sua obra oral “Ôrí”, apresentada no documentário produzido por Raquel Gerber. Beatriz Nascimento é uma das mais diversas autoras/es brasileiras/os que são como bússola, que nos direciona a pensarmos o desenvolvimento da sociedade brasileira de modo a não perdermos de vista as nossas raízes, a nossa memória.

Diante dos avanços tecnológicos, as sociedades passam por constantes e progressivas adaptações aos processos de globalização, mudanças estas que modificam as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Comunicação e Culturas Contemporâneas da Facom-UFBA, email: [glendadantas1@gmail.com](mailto:glendadantas1@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor Associado da Faculdade de Comunicação da UFBA e Pós-Cultura/UFBA. email: [adrianosampaio@gmail.com](mailto:adrianosampaio@gmail.com)

nossas relações sociais e as dinâmicas de vida e desenvolvimento. Pensar nestas mudanças, partindo do que me convoca autoras como Beatriz Nascimento, ocasionou em uma série de questionamentos sobre os usos e apropriações das Tecnologias de Informação e Comunicação por comunidades tradicionais, mais especificamente comunidades quilombolas do Baixo-Sul da Bahia, de onde venho. Este artigo está vinculado a um estudo que será finalizado como pesquisa monográfica no curso de especialização em Comunicação Estratégica e Gestão de Marcas da Faculdade de Comunicação da UFBA, onde buscarei investigar/entender como comunidades tradicionais do baixo-sul da Bahia têm utilizado as redes sociais digitais no contexto de comunidade, de modo a identificar se há usos de redes sociais digitais em perspectiva de Comunicação Comunitária e se há articulações ativistas e ciberativistas.

No presente trabalho, fragmento da pesquisa maior já mencionada, ao invés de me debruçar sobre todas as comunidades, optei por selecionar a comunidade remanescente de quilombo da Graciosa, em Taperoá, município do Baixo-sul da Bahia. Mas, antes de adentrar nas especificidades do território, pretendo introduzir algumas definições sobre comunidades tradicionais quilombolas.

Entende-se como comunidades tradicionais o que está previsto na Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), que inclui os povos indígenas, os quilombolas, as comunidades tradicionais de matriz africana ou de terreiro, os extrativistas, os ribeirinhos, os caboclos, os pescadores artesanais, os pomeranos, entre outros. As comunidades quilombolas brasileiras, em específico, possuem um histórico de resistência desde o contexto da escravidão até os dias de hoje, com as lutas por preservação de tradições, memória e cultura, bem como das suas terras e do meio ambiente, de maneira geral. O Brasil possui 2.921 comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares (FCP). Os dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística identificou que o Brasil possui 1.327.802 quilombolas, sendo essa a primeira vez que as comunidades quilombolas são incluídas nas estatísticas oficiais da pesquisa. Deste modo, e segundo Abdias do Nascimento (2022):

Os quilombos resultaram dessa exigência vital dos africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga ao cativeiro e da organização de uma sociedade livre. A

---

multiplicação dos quilombos fez deles um autêntico movimento amplo e permanente. Dando a impressão de um acidente esporádico no começo, rapidamente se transformou de um imprevisto de emergência em metódica e constante vivência dos descendentes de africanos que se recusavam à submissão, à exploração e à violência do sistema escravista. (NASCIMENTO, 2022, p. 281).

### **Comunidade remanescente de quilombo da Graciosa (Taperoá/BA)**

A comunidade remanescente de quilombo da Graciosa é um território quilombola identificado e demarcado pela Fundação Cultural Palmares, e fica localizada na cidade de Taperoá – BA, no território de identidade do Baixo-Sul. O Baixo-sul, em sua origem, tem uma forte relação com a invasão portuguesa para a ocupação do território, seguida do genocídio de indígenas e da construção de fortalezas, especialmente na faixa litorânea. As terras eram habitadas por Aimorés e Macamamus, e os que sobreviveram sofreram processo de catequização pelos jesuítas. As áreas que abrigam os municípios mais antigos, como Cairu, Camamu e Jaguaripe, deram origem a outras vilas, com o processo de doação e uso das sesmarias, e conseqüentemente aos 15 municípios que hoje compõem o território.

Taperoá, especificamente, é uma cidade com pouco mais de 18 mil habitantes. Registros indicam que foi fundada em 1561 e emancipada politicamente em 1916 (PINHEIRO, 1989). A cidade possui quatro comunidades quilombolas certificadas e identificadas, sendo Graciosa uma delas. Segundo dados da Secretaria de Saúde de Taperoá, a comunidade possui 547 habitantes, os quais vivem, em sua maioria, da pesca artesanal e da mariscagem, e foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como comunidade quilombola em 25 de fevereiro de 2008.

De acordo com Bárbara Sacramento, licencianda em Pedagogia e membro do quilombo, a história de Graciosa remonta ao ano de 1840, quando pessoas negras escravizadas chegaram para trabalhar em engenhos de cana de açúcar e outros cultivos agrícolas em um Fazenda de nome Olaria.

Depois de alguns anos, o empreendimento faliu e o povo que já ocupava as terras começou a plantar para manter suas famílias. Essa fazenda era o espaço mais ocupado pela população de Graciosa porque sempre foi uma terra fértil que permitia grandes produções de mandioca, dendê e arroz. A fazenda era também a moradia dessas pessoas, ou seja, era onde se concentrava o povoado da comunidade Graciosa (JESUS, 2022).

---

E, apesar da ganância dos fazendeiros brancos no passado ao tentarem expulsar com muita violência a população, e dos empreendimentos turísticos hoje, que querem tomar as terras com fins exploratórios, a comunidade quilombola viva têm, historicamente, resistido e preservado as terras e águas que constituem o território, bem como sua história e tradições. Prova disso é a criação, em 2011, da Associação de Pescadores e Pescadoras Quilombolas de Graciosa (APPQG). Juliana César Nunes, apropriando-se das pesquisas da socióloga Ilse Scherrer-Warren, vai explicar que esse foi um movimento estratégico de resistência no contexto latino-americano:

Organizações que resistiram à invisibilidade da primeira metade do século XX e até mesmo às perseguições dos regimes militares na segunda metade. A partir dos diversos processos de redemocratização, esses movimentos e organizações passaram a operar cada vez mais no nível institucional, participante de audiências, assembleias, conferências e conselhos. (NUNES, 2013, p. 43).

A APPQG tem como princípios “a valorização da tradição da pesca artesanal, da mariscagem, da cultura, da oralidade e a atenção às crianças e jovens” (JESUS, 2022).

### **Comunicação e usos de redes sociais para visibilização da luta política**

Em Graciosa a oralidade tem sido a principal responsável por perpetuar a memória e fazer atualizar as lutas. Somado a isso, e em um movimento mais recente, a inserção e uso de Tecnologias de Informação e Comunicação também têm se mostrado como ferramentas possíveis para estes fins. Apesar das limitações estruturais, que se refletem na desigualdade de acesso, por exemplo, “o espaço virtual tem sido um espaço de disputas de narrativas, pessoas de grupos historicamente discriminados encontraram aí um lugar de existir. Seja na criação de páginas, sites, canais de vídeos, blogs”. (Ribeiro, 2017, p. 86).

Martín-Barbero (2003, 2014) auxilia na contextualização sobre emergência de um novo ecossistema comunicativo, no qual “a tecnologia digital está configurando nossos modos de habitar o mundo e as próprias formas de laço social” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.24). Desta forma, essas mudanças que vivemos não estão presentes apenas nas dimensões econômicas ou institucionais, mas no próprio fazer comunicacional, já que todo esse contato entre os sujeitos e as práticas culturais têm afetado a maneira como as sociedades e as comunidades culturais veem a si mesmas

e como constroem suas identidades. Nesse cenário, a cultura comunicacional se torna um espaço estratégico para observarmos as tensões do social (MARTÍN-BARBERO, 2014).

Deste modo, e em diálogo, observa-se que a Associação de Pescadores e Pescadoras Quilombolas de Graciosa (APPQG) possui um perfil no Facebook de nome Graciosa: Comunidade em defesa do Território Pesqueiro e Quilombola. O perfil está em funcionamento desde maio deste ano e dialoga com o período de inauguração de uma Casa de Farinha comunitária, fruto de reivindicações da Associação.



**Imagem 1:** Captura de tela da página no Facebook da Associação de Pescadores Quilombolas da Graciosa feita em 10/08/2023.

Em legenda da primeira postagem da página, que são cards de convite à inauguração, destaca-se a missão do novo projeto: “preservar a cultura e a tradição de nosso povo, esse é um espaço coletivo de produção e resgate ancestral. Dando seguimento às nossas ações de organização, a casa de farinha também representa nossa resistência e luta em prol da autonomia e soberania de nossa comunidade.”.



**Imagem 2:** Captura de tela de publicação na página do Facebook da Associação de Pescadores Quilombolas da Graciosa feita em 10/08/2023.

As redes sociais digitais são meios pelos quais há produção, reprodução e publicização de conhecimentos nas comunidades tradicionais. Há muito tem se percebido a utilização destas ferramentas enquanto alicerce para articulação de lutas internas e externas, plataforma de denúncias de violências, perpetuação de memória e publicização de conhecimentos (BARROS, 2009). Em diálogo, o que se percebe na página da Associação no Facebook é essa tentativa de publicização de saberes tradicionais da comunidade, bem como, de sua utilização para preservação da memória, com vídeos da feitura de farinha e beiju na Casa de Farinha, bem como do samba de roda e da musicalidade.



**Imagem 3:** Captura de tela de publicação da página no Facebook da Associação de Pescadores Quilombolas da Graciosa feita em 10/08/2023.

As publicações no Facebook da Associação evidenciam também uma predominância de adesão feminina nas atividades propostas pelo grupo - a exemplo da imagem acima - bem como a evidência de saberes preservados pelas mulheres. A publicação acima dialoga com o que informou a antropóloga Lélia Gonzalez (2020), ao apresentar o panorama de lutas de comunidades amefricanas e ameríndias no combate a opressões interseccionais de gênero, raça e classe. A autora informa que “nossa presença nos movimentos étnicos é bastante visível; lá nós, amefricanas e ameríndias, temos participação ativa e, em muitos casos, somos protagonistas” (p. 147). Claro que para se confirmar essa suposição - que tem como base a análise visual de fotografias e vídeos no perfil da Associação no Facebook - deve-se haver uma checagem mais minuciosa *in loco*, mas não vai ser surpreendente que isso se confirme.

---

Compreende-se também que no contexto de comunidade, tem se desenvolvido os usos da comunicação, de maneira geral, e das tecnologias de informação e comunicação, de modo particular, enquanto instrumentos de comunicação comunitária (PERUZZO, 2013; 2014). Em um contexto de questionamentos de membros da comunidade quanto a efetividade das atividades da associação, a publicização das conquistas e de seus saberes tradicionais comunitários, conforme mencionado, também serve como uma espécie de prestação de contas, de modo a conquistar ainda mais a credibilidade da comunidade e seduzir os duvidosos a juntarem-se a luta, que é coletiva.

No âmbito das resistências, Abdias Nascimento (2011), auxilia na identificação das estratégias de lutas do povo negro em diáspora, que se deu também através dos quilombos e revoltas e que hoje enfrenta tensões no campo do debate público. E o que se percebe é o uso das redes sociais pela Comunidade Quilombola da Graciosa também como uma rede de articulação com outras comunidades Quilombolas do Brasil, bem como com organizações fundamentais para as articulações comunitárias, a exemplo da Articulação Nacional dos Pescadores (Bahia), Articulação da Juventude Pesqueira e Quilombola de Graciosa e a Associação de Advogados/as de Trabalhadores/as Rurais (AATR).

As agremiações destas organizações é potencializado pelo digital pois há o compartilhamento de interesses em comum, dialogando com a constituição de comunidades virtuais, agremiações de pessoas que compartilham experiências, emoções e uma afinidade subjetiva (Lemos, 2015), e nesse entrecruzamento “são geradas novas formas de solidariedade, de identidade, de ação social, assim como novas fontes de recursos econômicos” (Almeida, 2014, p. 194), que são novos no digital, mas que perpetuam estratégias antigas de lutas e resistências.

A comunidade possui, ainda, um perfil no Facebook que é mais antigo, do período em que se formou a Associação de Remanescentes Quilombolas da Graciosa, para lutar pela titulação das terras de Graciosa enquanto quilombo. Esta Associação deu lugar à mais recente, a Associação de Pescadores e Pescadoras Quilombolas de Graciosa (APPQG), entretanto, o perfil ainda está ativo com publicações periódicas. A partir de uma análise preliminar dos conteúdos no Facebook da Associação de Remanescentes Quilombolas da Graciosa, entre o período de maio e junho de 2023, foi possível observar que a maioria

das publicações realizadas são compartilhamentos de eventos que envolvem temas relacionados à: 1) luta quilombola por direitos; 2) combate ao racismo e ao sexismo; 3) divulgação de pesquisas científicas; 4) divulgação de processos seletivos que podem beneficiar a comunidade, como ENEM e seleções de programas de pós graduação.



**Imagem 4:** Captura de tela de publicação da página no Facebook da Associação de Remanescentes de Quilombo da Graciosa, feita em 10/08/2023.

Há, de forma incisiva, o incentivo à inserção no ensino superior, com publicações de cursos pré-vestibular, chamadas para o ENEM e outros processos seletivos educacionais. Relaciona-se a isso a combativa atuação do Movimento Negro na década de 1970 em alertar a sociedade e o Estado sobre a complexa imbricação entre as desigualdades sociais e raciais, que implicou não somente em tais temáticas serem incorporadas as análises sociológicas, como na promulgação de duas leis que incidem no combate ao racismo epistêmico: Lei 10.639/03, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e a Lei 12.711/12, que institui o sistema de ações afirmativas em universidades e institutos federais. Esta última permitiu que sujeitos discriminados saíssem da posição de objetos de pesquisa, para tornarem-se agentes ativos na construção de saberes acadêmicos sobre si e seus territórios.

### **As pistas digitais**

A partir do que foi dito, e de maneira preliminar, foi possível identificar que o Facebook é a principal rede social digital utilizada para fins de comunicação em

comunidade. A pesquisadora Tâmara Terso, em apresentação de seu artigo no Congresso da Intercom em 2022, explicou que comunidades amefricanas e suas tecnologias ancestrais, quando em contato com tecnologias modernas - como as digitais - têm permitido ampliar a luta pelo direito à comunicação como um direito humano, “porque toda a base de construção das suas tecnologias e formas de comunicação são baseadas no princípio da organização desses bens comuns mirando no bem viver” (TERSO, 2022, p. 14).

Nesse sentido, ficou evidente nesta análise preliminar que a Comunidade Quilombola da Graciosa, no perfil da Associação de Pescadores e Pescadoras Quilombolas de Graciosa (APPQG), tem utilizado com o objetivo de visibilizar as ações e conquistas da Associação, com o objetivo não somente de preservação de memória, como de gerar confiança na comunidade e, conseqüentemente, o engajamento de seus membros ativos e a possibilidade de engajamento de mais pessoas da comunidade nas lutas coletivas. Já no perfil da Associação de Remanescentes Quilombolas da Graciosa, o uso, em sua maioria, tem sido informativo para a comunidade, sobretudo, através da divulgação de diversas oportunidades relacionadas a aquisição de conhecimentos, como cursos, palestras e workshops. São, majoritariamente, trabalhados os temas relacionados ao combate às desigualdades de gênero e raça, sobretudo em uma perspectiva educacional.

## Referências

ALMEIDA, Marco Antônio de. **Mediação e mediadores nos fluxos tecnoculturais contemporâneos**. Informação & Informação, v. 19, n. 2, p. 191-214, out. 2014. Disponível em: <[http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/20000/pdf\\_24](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/20000/pdf_24)> Acesso em: 10 de março de 2021.

BARROS, Zelinda. **Feminismo Negro e Internet**. 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/1497162/Feminismo\\_negro\\_na\\_Internet](https://www.academia.edu/1497162/Feminismo_negro_na_Internet). Acesso em: 10 de abril de 2021.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In LIMA, Márcia e RIOS, Flávia (org.). **Por um feminismo afro latino americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 49 - 64.

JESUS, Barbara S. Sacramento. **EDUCAÇÃO E SABERES ANCESTRAIS: um estudo na Comunidade Pesqueira e Quilombola Graciosa em Taperoá (BA)**. 2022.

LE MOS, André. **Cibercultura - Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre, Sulina, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Diversidade e convergência**. Revista Matrizes, São Paulo, v.8, n.º. 2, jul./dez.-2014, p. 15-33.

---

NASCIMENTO, A. O **Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital.

PERUZZO, C.M.K. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. **Revista Contemporânea de Comunicação e Cultura**. v.11, n.1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneapocom/article/view/6980>

PERUZZO, C.M.K. Comunicação para o desenvolvimento, comunicação para a transformação social. In: Aristides Monteiro Neto (Org.). **Sociedade, política e desenvolvimento**. Brasília: IPEA, 2014a. p.161-195. Coleção Desenvolvimento nas Ciências Sociais. O estado das artes, livro 2. Disponível em: [www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/140616\\_sociedade-desenvolvimento-politica2.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/140616_sociedade-desenvolvimento-politica2.pdf)

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015. Disponível em: [http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao\\_Quilombos.pdf](http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf)

TERSO, Tâmara Caroline Almeida. Notas de um saber em construção: processos de comunicação em comunidades amefricanas, estudos comunicacionais e direitos à comunicação. In: Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. XXII. 2022. João Pessoa.

